

REVISTA

AGRESTE

Sucessão Presidencial

Fevereiro/Março de 1984 Ano 1 - Nº 1 - Cr\$ 1.000



Entrevistas: José Inácio
José Queiroz

Bezerros: Os atrativos
de uma
cidade.

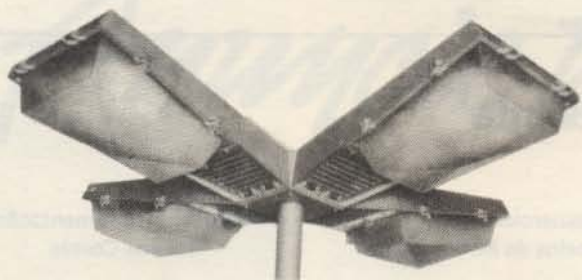
Futebol: Central
Sete de Setembro
Atlético de Caruaru

Índice

ENTREVISTA – José Inácio	3
ENTREVISTA – José Queiroz	6
EDITORIAL	10
NACIONAL – Sucessão Presidencial	12
REGIONAL – Umas e Outras	13
O AGRESTE E SEUS REPRESENTANTES NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA	14
TURISMO – Potencialidades Turísticas do Agreste	20
ESPORTE – O Agreste no Campeonato Pernambucano	22
EDUCAÇÃO – Diocesano – 68 de Serviços Prestados a Educação e à Cultura em Garanhuns	23
CIDADE – Bezerros	24
CULTURA – FAFICA – Uma Faculdade Respeitável	26
DEPOIMENTOS – Repercussões de uma Grande Idéia	28
PESQUISA – A História de Caruaru	30
PROFISSÃO (Marketing Político)	32
EVENTOS	33
PUBLICITARIANAS	33
POSICIONAMENTO – Adaptação Humana ao Semi-Árido Nordestino	34

CARTAS À REDAÇÃO

Cartas para: Redação Revista Agreste, Rua José Osório, 654 – Madalena, Fone: 228-2320. Recife PE. CEP. 50.000. Agreste: se reserva o direito de selecionar e, se for o caso, resumir as cartas enviadas à nossa Redação.



Luminárias fechadas com 1, 2, 3 ou 4 pétalas, para fixação em poste reto por meio de base. Admitem lâmpadas a vapor de mercúrio ou vapor de sódio alta pressão de até 700W. Equipamentos auxiliares das lâmpadas incorporados no pescoço da própria luminária. Ideais para iluminação de avenidas de tráfego intenso, trevos, parques, praças e outras grandes áreas.

Estamos orgulhosos de termos levado para “Caruaru da Gente,” a mais moderna iluminação do País.

PEÓ-TRADE



COMERCIAL IMPORTADORA E EXPORTADORA LTDA.
Rua Imperial No. 900/908 – Fone: DDD (081) 224-6244
Telex (081) 1297 – Caixa Postal, 1118 – Recife – PE.

REPRESENTANTE E DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

 Peterco

Para os Estados de Pernambuco, Alagoas, e Paraíba

EDITORIAL

O professor e arqueólogo Marcos Albuquerque, da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), ao prestar um depoimento, como tantas outras personalidades, sobre a importância desta revista para a região, afirmou: "O semi-árido caracterizado por peculiaridades inerentes que a diferencia das demais regiões do País, começa a tomar consciência da necessidade da busca de soluções locais para seus problemas"; e acrescentou: "Nada mais oportuno para a formação desta consciência que uma revista dedicada a uma de suas porções, o Agreste pernambucano."

O eminente professor, com tais palavras, põe a nu o sentido último dos intentos deste veículo: a procura de soluções locais para os problemas que afligem a região do Agreste.

Esta revista é um veículo de comunicação a serviço dos interesses exclusivamente agrestinos; nas mais diversas áreas

de atividades: Política, Esporte, Economia, Cultura, Negócios e Sociedade.

A crença inabalável na viabilidade de nosso "pedacinho de chão", fez com que nos atrevêssemos a investir toda nossa energia na feitura desta revista. Através da informação independente e imparcial, da incessante busca da integração das cidades que compõem o Agreste de Pernambuco, pretendemos transformá-la num autêntico fórum de debates com vistas a encontrar saídas viáveis para os cruciais problemas que vêm impedindo o pleno desenvolvimento desta sofrida e abandonada região. Por outro lado, no entanto, não nos afastaremos dos grandes temas nacionais, haja vista ser necessário um entendimento aprofundado da realidade brasileira, sem o qual se torna difícil o equacionamento das questões regionais, urge compreender as deficiências estruturais e conjunturais da região em que vivemos.

Seguindo tal linha de jornalismo, trazemos neste primeiro número duas entrevistas especiais, com os prefeitos das duas maiores cidades do Agreste: José Inácio, Garanhuns e José Queiroz, Caruaru. Publicamos, ainda, na seção Posicionamento, um artigo sobre a adaptação humana ao semi-árido nordestino. Abordamos por conseguinte, as potencialidades turísticas do agreste, focalizando nesta primeira edição os mais importantes pontos turísticos das cidades-pólo do Agreste: Caruaru e Garanhuns, entre tantos outros assuntos.

Acreditamos, assim, ter traduzido a sinceridade dos nossos propósitos, sobretudo, lembrar a responsabilidade de todos nós pelo futuro desta revista.

De agora em diante, ela passa a integrar o patrimônio sócio-cultural do Agreste de Pernambuco.

expediente

Conselho Editorial:

Paulo Alves, Rubens Conde, Lêda Rivas
Alexandre Vasconcelos de M. Farias

Redação:

Diretor - Paulo Alves
Redator-Chefe: Lêda Rivas
Editor-Assistente: Rubens Conde

Arte-Ilustração:

Roberta Pimentel Cunha

Diagramação: Claudévan T. Malta
Composição: Antonio Balduino
Fotografia: Washington de Santana
Secretária: Edileusa Alves da Silva

Diretor Comercial

Alexandre Vasconcelos de M. Farias

Departamento de Publicidade:

Márcia Cristina Tavares, Maria José Pessoa
Valdívnia Gonçalves

Relações Públicas:

Paulo Bezerra - CRPRP 464

Departamento de Marketing:

Fátima Chagas e Paulo Alves

Colaboradores:

Marcos Freire, Marcos Albuquerque, Bartolomeu Marinho, Secretaria de Turismo, Esporte e Cultura.

Pesquisa e Documentação:

Rubens Conde

Impressão Gráfica St.º Amaro Fotolito: E. Machado

Agreste é uma publicação da Promídia Comunicação, Assessoria de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda.
Redação, Administração e Publicidade:

Rua José Osório, 654 - Madalena
Fone: 228-2320 - Recife - PE.

As matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.
Circulação: Agreste pernambucano e capital.

Adaptação humana ao semi-árido nordestino

A busca de soluções para o semi-árido nordestino deverá estar vinculada a aceitação da realidade hídrica que se inteligentemente aproveitada poderá se transformar em fator positivo para o desenvolvimento da Região.

O Nordeste do Brasil, sobretudo em sua porção semi-árida, em decorrência de suas peculiaridades inerentes, possui características próprias que o diferencia das demais regiões do País. O conhecimento global, empírico e científico, desta região, deverá proporcionar um melhor nível de integração qualitativa entre o homem e o seu meio. Do estudo desta relação adaptativa, sistêmico, entre o ambiente e a cultura, poderá advir soluções concretas, teluricamente imbricadas com a região, contrapondo-se às habitualmente propostas, que em sua grande maioria, tornam-se inexecutáveis em virtude da inadequação ao meio. O transplante de soluções adrede estabelecidas e sobretudo concebidas em uma outra realidade ecológica não encontra respaldo teórico ou prático em uma região semi-árida com características edáficas peculiares, recoberta por uma vegetação de caatinga hiper ou hipo xerófila adaptada a um também peculiar sistema hidrográfico caracterizado por uma drenagem intermitente.

Grande parte das soluções buscadas ou adotadas, quer pelos órgãos governamentais ou mesmo por particulares fixados na região, demonstram nitidamente sua ineficácia, total ou parcial, onde frequentemente a população, ao ultrapassar o suprimento alimentar emigra ou reduz-se a níveis mínimos através de uma alta taxa de mortalidade, sobretudo infantil, motivada por fatores de ordem carencial.

A solução ou as soluções buscadas para o semi-árido não serão jamais encontradas se a sua procura persiste na tentativa de equacionar erros e conceitos secularmente transplantados para aquela região. Como também não se encontrará solução caso os projetos dire-

cionados para o semi-árido continuem atrelados a efêmeros modismos, desvinculados da singularidade da região. A irrigação, resultante do almejado desvio do São Francisco ou do Tocantins integra a plêiade de soluções propostas como panacéia para os males desta ambiência. Mesmo considerando o extraordinário volume d'água do São Francisco, este seria insignificante para irrigar o Nordeste. Alguns canais beneficiariam um número tão reduzido da população que não justificaria o alto custo de sua execução. Sobre tudo por ser um investimento sem retorno social significativo deixando à margem a maior parte da região que não poderia ser irrigada por inexistência de água. O exemplo dos rios Pecos e Colorado do semi-árido norte americano, utilizados na irrigação, demonstra que a relação ^{água} volume d'água na realidade é mais contundente do que possa parecer em projetos miraculosos. Admitindo entretanto que o País dispusesse de recursos abundantes e que uma obra deste porte pudesse ser viabilizada sem maiores problemas de natureza econômica, e considerando, de forma hipotética que o Rio São Francisco possuísse suporte hídrico capaz de irrigar o Nordeste, restaria a grande dúvida se este procedimento seria a solução mais adequada. As características da maior parte dos solos do semi-árido talvez reagissem à irrigação de forma adversa a médio e longo prazo. Haveria o grande risco da desertificação por excesso de salinidade conforme pode-se observar através de inúmeros exemplos internacionais. A atitude precipitada poderia gerar consequências irreparáveis para o equilíbrio ecológico da região, de grande responsabilidade para com o ambiente e as gerações futuras.

Inúmeros projetos, elaborados pelos mais diferentes órgãos, buscam, de forma desordenada, soluções para a Região. Entretanto percebe-se a carência de uma conjugação de esforços políticos e cientificamente orientados que evitem duplicidades e everedamento por caminhos já fracassadamente percorridos.

O conhecimento profundo e integrado da Região deverá anteceder propostas de solução. A Universidade, através dos

diversos segmentos do saber, deverá desempenhar um papel de fundamental significância, inserindo-se neste contexto fisiográfico, na busca de soluções concretas, voltadas para o aproveitamento racional das potencialidades latentes do semi-árido. O Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) despertado para estas necessidades vem promovendo uma integração de saberes de forma interdisciplinar apoiando projetos de pesquisa voltados para esta problemática.

As potencialidades do semi-árido parece que ainda não foram descobertas. A falta d'água tem sido a tônica constante na maioria dos projetos elaborados virtualmente sob uma ótica úmida. Entretanto, ao nosso ver, a procura das soluções deveria orientar-se por uma constatação e aceitação de uma realidade hídrica. Afinal procura-se, ou deveria-se procurar, soluções para uma região semi-árida. Não nos parece faltar água no semi-árido, pois se esta abundasse a região não seria como tal qualificada. Falta entretanto uma adequação, nos mais diferentes níveis de sua utilização. E chegou o momento de se começar a tirar partido da "adversidade". Ou seja, as soluções poderiam ser buscadas no desenvolvimento de uma agricultura e de uma pecuária que sejam compatíveis com a realidade hídrica. Quantos produtos milenarmente adaptados, que sofreram o crivo da seleção natural, não poderiam ser aproveitados nesta e em outras regiões, sem que fosse necessário a prática da irrigação. Ou que pelo menos esta prática fosse desenvolvida apenas nas várzeas de rios que fossem perenizados. Assim sendo, as condições climáticas, até então consideradas adversas, passariam a constituir fator favorável, tornando-se limitante à outras regiões que porventura viessem a depender de produtos do semi-árido.

Marcos Albuquerque é arqueólogo e professor da Universidade Federal de Pernambuco.

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico – Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos. Adaptação humana ao semi-árido nordestino. **Agreste**, Recife, n. 1, p. 34, fev./mar. 1984.